

O Mistério de Praga

AINDA não entendi por que cargas d'água os embaixadores brasileiros na Inglaterra e na Bélgica foram a Praga negociar acórdos. Se o Itamarati precisava reforçar nossa representação naquela capital, o normal seria mandar uma ou várias pessoas daqui levando instruções especiais; deixo aos leitores o mistério, que o chanceler Negrão não nos explica.

Uma coisa é certa: precisamos apurar com urgência o que podemos esperar da Europa oriental em matéria de intercâmbio com vistas ao nosso desenvolvimento. As recentes declarações do sr. Rubottom, secretário de Estado adjunto para a América Latina, mostram que não podemos ser otimistas a respeito da Operação Pan-Americana. As resistências norte-americanas são grandes. Seriam menores no dia em que a diplomacia de Washington tivesse a certeza de que podemos — os países latino-americanos — encontrar outras saídas para nossos problemas, principalmente no setor da energia.

O «não» sêco e duro que os srs. Mann e Dulles preferiram quando se falou no Rio em um financiamento de 300 milhões de dólares para a Petrobrás pode se mudar em palavras mais compreensivas no momento em que eles virem que somos capazes de obter êsse financiamento na Europa, incluindo aí a Europa oriental. O que é preciso é apurar o que realmente a Rússia e seus satélites podem nos oferecer, e em trôco de que. Frases e promessas imprecisas não resolvem; é tempo de fazer um levantamento das possibilidades reais dêsse intercâmbio.

Esperemos que seja êste o sentido da estranha viagem dos dois espertos cavalheiros.